

A SAÍDA DE MARINA SILVA DO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE: O QUE A IMPRENSA INVESTIGOU

Fernando Bocalari¹; Sérsi Bardari²

Estudante do Curso de Jornalismo; e-mail: bocalari@yahoo.com.br¹
Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail sérsi@uol.com.br²

Área do Conhecimento: Jornalismo e Editoração

Palavras-chave: Jornalismo investigativo; Critérios; Interpretações

INTRODUÇÃO

O jornalismo investigativo demanda tempo e apuração minuciosa dos fatos. Com a diminuição dos jornalistas nas redações informatizadas e a velocidade das informações cada vez se apura menos os fatos e também as fontes. Isso resulta diversas vezes em informações inverídicas, parciais e que, na maioria dos casos, serve para apenas para divulgar interesses e opiniões de determinados grupos. Para a maioria da população, a ideia de que apenas o dito jornalismo investigativo é o que indaga e pesquisa minuciosamente crimes, principalmente os de corrupção e de tráfico, persiste enraizada no pensamento, talvez pela grande quantidade de informações recebidas por meio da televisão, revista, jornal e internet. A oficialização das fontes também contribui para acessar sempre as mesmas informações. As assessorias de imprensa são responsáveis pelo impedimento de uma boa e rápida apuração, que deve ser feita pelo jornalista que pretende publicar o assunto e não pela assessoria. Ninguém tem acesso a qualquer tipo de informação sem antes a aprovação das assessorias. Tão grave quanto a oficialização das fontes, que bloqueia o acesso à riqueza de informações, é a prática indiscriminada da parcialidade. Tal atitude impõe aos leitores apenas um caminho que, freqüentemente, vem inserido com a conclusão do fato. Independentemente da natureza do assunto, as informações devem ser investigadas para se realizar um bom jornalismo. Todo jornalismo é, ou pelo menos, deveria ser investigativo. Se essa devida investigação não ocorrer, o resultado pode ser um jornalismo impreciso, parcial e demasiadamente opinativo.

OBJETIVO

Identificar as diferentes versões publicadas pela imprensa sobre as causas da saída de Marina Silva do Ministério do Meio Ambiente. Para tanto, serão analisadas as matérias sobre o fato publicadas nas revistas Veja, Isto É e Época, de modo a poder comparar o teor informativo e o posicionamento ideológico de cada uma delas. Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República, em 2003, Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima foi nomeada ministra do Meio Ambiente. Desde então, enfrentou conflitos constantes com outros ministros do governo, quando os interesses econômicos se contrapunham aos de preservação do meio ambiente. Marina Silva enviou uma carta de demissão ao presidente Lula no dia 13 de maio de 2008. O motivo da demissão teria sido o desgaste político e também a demora para aprovação dos programas federais de preservação da Amazônia. Em carta endereçada ao presidente, Marina alegou: a decisão “decorre das dificuldades que tenho enfrentado há algum tempo para dar prosseguimento à agenda ambiental federal”. A demissão foi amplamente divulgada com várias informações divergentes. Esta pesquisa pretende

levar em conta as características do jornalístico de revista, entre as destaca-se a função de analisar mais apuradamente os fatos. A prática está diretamente relacionada à apuração dos acontecimentos. Questionar se a reportagem cumpre o papel de esclarecedora por meio de fatos concretos e não por meio de hipóteses ou declarações. Essa análise permite evidenciar o aprofundamento das informações e das conclusões apresentadas.

METODOLOGIA

Foram analisados os fatos sobre o pedido de demissão de Marina Silva publicados nas revistas *Época*, *Isto É* e *Veja*. Para isso, foram desenvolvidos alguns critérios de análise: imparcialidade: trata-se de informar o assunto envolvendo todas as partes envolvidas sem privilegiar nenhuma delas; origem das fontes: verificar o contexto social e a procedência das fontes; apuração das declarações: confirmar cada declaração e confrontá-las com fatos concretos, para que a reportagem não se caracterize como jornalismo declaratório; coerência das informações: apurar se o material publicado tem uma seqüência lógica, principalmente na conclusão da reportagem; contexto histórico-político-social: averiguar a origem das revistas e suas relações com a sociedade e com o poder público. Com a verificação desses itens, espera-se obter uma análise objetiva, clara e precisa que evidencie a hierarquia da informação com que cada revista publica suas reportagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada revista priorizou lados diferentes dos fatos. Pode-se notar já pelo título e também no decorrer do texto. A imparcialidade pode ser analisada por meio da seleção de palavras e do significado delas dentro do contexto. Para entender de forma pormenorizada a interpretação dos fatos, deve-se começar pelo título que é, geralmente, o primeiro contato do leitor com o trabalho do jornalista. As revistas analisadas têm títulos bem distintos, cada uma prioriza um dos lados da história. “De Ipanema para a floresta”, com esse título a revista *Época* prioriza a entrada do novo ministro Carlos Minc que mora em Ipanema no Rio de Janeiro. Desse modo, a revista ignora a conturbada saída de Marina. A linha fina diz: “Sai a seringueira Marina Silva, entra o ecologista carioca Carlos Minc. O que pode mudar na política ambiental e no desenvolvimento do país”. Pode-se notar que a revista ressalta de forma negativa o fato de Marina ter sido seringueira, ao contrapor profissões tão distintas hierarquicamente, seringueira e ecologista. “Marina fica sem ambiente”, com esse título a revista *Isto É* prioriza a saída de Marina e ainda utiliza a palavra ambiente com dois significados. O primeiro é meramente informativo relacionado à própria saída dela do Ministério do Meio Ambiente. O segundo, em caixa alta, inclusive, aproxima-se da ideia de ter perdido a casa ou algo com o qual Marina tenha grande afinidade. A linha fina diz: “Com a substituição da ministra, o governo pretende destravar os licenciamentos ambientais para que o PAC deslanche”. Pode-se notar que a revista pretende passar a ideia de que a ex-ministra não conseguia liberar de forma ágil as licenças ambientais. “O desafio da economia verde”, com esse título a Revista *Veja* demonstra aparente neutralidade, mas com a linha fina “A saída de Marina Silva não muda em nada o dilema brasileiro: encontrar uma fórmula que permita crescimento sustentável”, pode-se notar o posicionamento que não é a favor nem de Marina Silva nem de Carlos Minc. As fontes no meio jornalístico muitas vezes determinam a qualidade de uma reportagem. Como o caso analisado é sobre a política do governo federal, as fontes são, na maioria das vezes, oficiais. A assessoria de imprensa informa e os jornalistas só dispõem de dados oficiais, salvo raras exceções. A revista *Época* publicou várias declarações com

diversos pontos de vista. Havia declarações de Marina Silva, Carlos Minc, amigos dele e até do pensador alemão Rudolph Bahro. A revista Veja publicou uma declaração do jornal britânico The Guardian e outra do presidente Lula, pouco para averiguar uma demissão tão polêmica. A revista Isto É publicou diversas declarações, mas a maioria com o mesmo ponto de vista: a defesa de Marina. Havia apenas uma declaração de um deputado que criticava o trabalho de Marina no Ministério.

CONCLUSÕES

As três revistas analisadas publicaram artigos de opinião sobre o assunto. A revista Isto É parece ser incoerente em suas conclusões. Apresenta diversas ideias favoráveis a Marina e finaliza a reportagem com uma declaração de seis linhas que é totalmente contra a tudo o que foi dito anteriormente, além do artigo que vem em seguida que critica até a fé da ex-ministra, como será bem mais demonstrado no relatório final. A revista Veja critica arduamente o governo, mas a conclusão da reportagem e as ideias apresentadas ao longo da matéria têm muitas afirmações, porém pouco sustentadas por argumentos plausíveis. Finalmente, a revista Época é a mais lógica e imparcial, mas deu um foco muito maior à entrada do novo ministro do que à saída da anterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Caco. *Rota 66: a história da polícia que mata*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FORTES, Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2000.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, à Universidade e a todos os profissionais de comunicação consultados para realização dessa pesquisa.